



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

O VALOR EDUCACIONAL DO SÍMBOLO RAMO DA PALMEIRA NA COMUNIDADE DOS BAWOYOS DESDE UMA PERSPECTIVA SÓCIO- CULTURAL

Manuel Gomes Mafuca, Leonidas Roberto Taschetto (orient.)
Universidade La Salle

Resumo

Há muito tempo, a sociedade Woyo¹ desenvolve meios para traduzir seu pensamento, sentimentos e ações. Enquanto símbolo, o ramo da palmeira ocupa lugar de destaque nos momentos importantes dessa sociedade (vida, morte, tristeza, alegria), exercendo o domínio num mundo concreto sócio-cultural dos Bawoyos² e participando da formação cultural. Neste sentido, a presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre o valor educacional do símbolo ramo da palmeira na sociedade Woyo.

Palavras-chave: *Valor educacional do ramo.*

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução - Propósito central do trabalho

Atualmente, com a evolução das tecnologias, designadamente as de comunicação no mundo moderno versus manutenção de meios de comunicação não modernos em sociedades tradicionais africanas constitui um fato relevante, e neste caso, o foco importante da nossa reflexão. A evolução tecnológica tem proporcionado um grau assinalável de desenvolvimento no mundo. Todavia, em certos lugares em África, sobretudo em áreas a sul do Saara, encontramos territórios onde, ainda hoje, vivem algumas populações com referências culturais próprias que abordaremos nesta reflexão.

Nosso estudo aplica-se aos “Bawoyos”, população que ainda hoje continua culturalmente vinculada ao uso de símbolos tradicionais de que dispõe no domínio cultural, educacional e comunicacional. Centrado em aspectos culturalmente referenciáveis na vida tradicional dessas populações, é preocupação nossa refletir sobre tais práticas, identificar valores educacionais e comunicacionais relevantes e disponíveis localmente. A tomada de consciência deste patrimônio nos impulsiona a pensa-lo desde uma perspectiva sócio-cultural que é compartilhada por diferentes autores (VYGOTSKY, 1998; OLIVEIRA, 2006; EKWA, 2004; FREIRE, 2011; ORTIGUES, 1962; FAIK-NZUJI, 1992). Para atingir tal objetivo, empreenderemos uma pesquisa qualitativa, com revisão de literatura, também levando em consideração minha própria vivência e experiência pessoais.

2. Marco Teórico

Abordando os aspectos do símbolo ramo da palmeira como elemento sócio-cultural, compreendemos que o estudo do símbolo não pode singularizar-se no mundo. Ele é uma entidade abstrata e se apresenta num contexto cultural. A sua história atesta que todo objeto

¹ Etnia existente na República Democrática do Congo e na República Popular de Angola.

² Plural de Woyo.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

pode tornar-se um valor simbólico, pois ele faz parte do homem e compreende todas as dimensões de nossa vida.

Vygotsky (1998) na sua reflexão sobre o instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança estabelece uma relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico social. Ele destaca a unidade dialética desses sistemas que constitui a característica essencial do ser humano. Nas palavras do autor:

Embora a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo. Nossa análise atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento (p.32-33).

Ao abordar a internalização das funções psicológicas superiores, Vygotsky (1998) refere que:

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho (p.70).

Deste modo, não é fácil compreender o sentido e o valor simbólico do ramo da palmeira quando ignoramos o valor simbólico da palmeira e de todas as circunstâncias que envolvem sua utilização. A expressão simbólica traduz o esforço do homem para desvendar e sujeitar um destino que lhe escapa, atento ao caráter obscuro que o envolve.

A civilização da África negra em geral e a civilização Woyo em particular têm tendência fundamental de inserção/integração/interação com a natureza. Estes africanos têm a ideia da participação do homem e do seu grupo na vegetação, mantêm certa proximidade, ligação, intimidade com a natureza. A palmeira ocupa lugar preponderante na sociedade Woyo. Um provérbio Woyo lhe é consagrado: "Liba unkuluntu", que quer dizer: "A palmeira é a mais velha"; ela é a planta mais importante no reino vegetal da sociedade Woyo em particular, e na sociedade Kongo³ em geral.

A utilização do ramo da palmeira e não de qualquer outro ramo para a interação no mundo social Woyo não é um fato fortuito. Isso inscreve-se num contexto simbólico sócio-cultural e nos ajuda a compreender a sua dimensão cultural; seu valor simbólico deve inspirar-se do seu meio cultural e do seu papel na sociedade. Os símbolos despertam nossa atenção, nos falam e nos educam.

Neste contexto, "A educação é uma área interdisciplinar e aplicada, que se alimenta de formulações teóricas originárias de várias disciplinas e que se constrói no plano da prática" (OLIVEIRA, 2006, p.102).

Segundo a contribuição de Freire (2011), hoje constitui-se uma alternativa interessante para repensar a forma escolar pós-colonial africana, pois esta não permitiu que a África avançasse.-Ao se referir à educação dos povos colonizados na África em geral e da República

³ Grupo étnico banto que vive numa larga faixa ao longo da costa atlântica da África.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Democrática do Congo em particular, Ekwa (2004), em sua obra *L'école traïe* (A Escola Traída), partilha os mesmos sentimentos de Freire, interpelando assim os responsáveis políticos destes países a rever os programas escolares no sentido de contribuir à formação dos jovens num contexto sócio-cultural do mundo atual.

A educação como processo de socialização do ser humano tem como finalidade de transformar o homem na sociedade. As experiências culturais podem gerar transformações e mudanças que são importantes para a educação, sobretudo porque a educação é, essencialmente, um trabalho cotidiano e coletivo como afirma Freire (2011, p.95), pois “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O desenvolvimento assinalável das ciências humanas é um dos fenômenos que contribui para o conhecimento do homem/ pessoa, enquanto ser cultural, de suas formas de viver, suas aptidões para adaptar-se em seu meio social e responder aos problemas fundamentais de seu entorno social (FAIK-NZUJI, 1992). Numerosos sociólogos e antropólogos se debruçaram seriamente sobre o estudo do símbolo para conhecer sua função sociológica e antropológica na sociedade. Assim é que a função sociológica do símbolo foi claramente captada por Ortigues:

Na linguagem, o símbolo é um fenômeno de expressão indireta (ou comunicação indireta) que só é significante pela intermediação de uma estrutura social, de uma totalidade a que se participa e que tem, sempre, a forma geral de um pacto, um juramento, um interdito, uma fidelidade, uma tradição, um lugar de pertença espiritual que fundamenta as possibilidades da palavra (ORTIGUES, 1962, p.67)

O antropólogo Lévi-Strauss, entendendo o símbolo como pacto social, dirá:

É de natureza da sociedade exprimir-se simbolicamente em seus costumes e instituições; as condutas individuais, ao contrário, jamais são simbólicas por si mesmas; são elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói (LÉVI-STRAUSS *apud* ORTIGUES, 1962, p.67).

Sendo o ramo da palmeira um elemento cultural, ele está ligado a um grupo social, inserido numa cultura bem definida. Não podemos compreender o ramo da palmeira fora da sua estrutura sócio-cultural. De acordo com Kabasele (1990, p.20), “O símbolo só é compreendido ao interior de um contexto cultural, pela educação ou por simples contato entre os povos, por múltiplos intercâmbios culturais”.

O ser humano vive sempre numa cultura ou no seio de culturas superpostas que influem sobre ele. É por isso que o símbolo ramo da palmeira não pode ser concebido fora da cultura que é seu quadro de concretização e ele evolui necessariamente com sua cultura. É no seio da cultura que o ramo exerce a sua influência, forma indivíduos e se torna um valor comunicacional significativo.

Bem que certas sociedades recebem sua cultura não somente como herança de gerações anteriores, mas, igualmente, como criação coletiva; outros recebem sua cultura como um produto elaborado. Nenhuma sociedade humana pode assegurar ter recebido a sua cultura completamente e unicamente como dom ou criação coletiva. A cultura simbólica do ramo da palmeira inscreve-se nessa ótica e ela evolui com os homens que vivem e partilham esse valor cultural. Todavia, fica bem claro a ideia que cada sociedade vive sua cultura num tempo histórico fixado no qual a mudança provém de fatores externos. É no seio dessa realidade histórica que o



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

ramo da palmeira recebe uma significação preenchendo as suas funções religiosas, sociais e políticas.

O ramo da palmeira, como símbolo vivo, dinâmico, fruto da razão humana e do seu meio sócio-cultural, exerce funções ligadas à vida religiosa e social. Oliveira (2006), fundamentada nos estudos de Vygotsky, afirma a existência dos instrumentos e signos como elementos mediadores. Segundo esta pesquisadora, os instrumentos equivalem a um objeto social e mediador entre o indivíduo e o mundo. Ela destaca que só o ser humano tem a capacidade de criar seus instrumentos para utilizá-los a diferentes fins e mesmo transmiti-los aos outros membros do grupo social. Ela ainda salienta que os signos estão relacionados a uma atividade psicológica e ajudam a mente a adotar um comportamento controlado. Deste modo, os sistemas simbólicos são um processo de internalização e de transformação do ser humano.

Importante destacar que existem pelo menos duas diferentes funções simbólicas: as funções religiosas e as funções sociais. Dentre as funções sociais encontramos as dimensões exploratória, substitutiva, mediadora, pedagógica, socializante.

Estudando a noção simbólica do ramo da palmeira, este aparece como um elemento mediador de que o cristão se serve em seu intento de transcender o temporal e, sobretudo, de entrar em contato com os poderes invisíveis. Ao tomar consciência de sua fraqueza e sua finitude, o cristão se vale não apenas para glorificar o triunfador da morte, mas também para que, por sua atitude, o ramo da palmeira aniquile todas as forças maléficas.

Uma das funções sociais do símbolo é de ordem exploratória. Ela permite, com efeito, captar, de certa maneira, uma relação que a razão não consegue definir, porque um de seus termos é conhecido e outro é ignorado. Na história narrativa do símbolo, o ramo da palmeira compreende também uma lógica bem estabelecida. Ele nos pode aparecer como algo muito vago, conhecido em termos e desconhecido por sua significação comunicacional.

Diante do ramo da palmeira, o nosso espírito empreende a exploração do símbolo para levar-nos a ideias situadas para além daquilo que a nossa razão pode captar em sua relação com a cultura: é o simbolismo. Assumimos, igualmente, que nada é irredutível ao pensamento simbólico, porque ele é dinâmico, cria todos os dias uma contribuição; ele é a ponta avançada da inteligência humana; todavia, ele não se limita a formulações ou significações definitivas, o que restringiria o seu campo semântico.

O ramo da palmeira joga um papel considerado com um termo ou uma imagem e, sobretudo, possui implicações com certos fatos por vezes ignorados e que adicionam a sua significação convencional. Ele implica inicialmente um algo vago, desconhecido ou oculto para nós. Mas, é com o substituir os elementos significativos por vezes diferentes e nem sempre do mesmo gênero cultural torna capaz de circular a mensagem liberada através da história e dos tempos. Donde a necessidade de uma função substitutiva.

O exploratório e o substitutivo são funções estreitamente conectadas. Em sua relação comunicacional, numa análise sociológica, o ramo da palmeira se substitui a um modo de respeito, de solução ou satisfação, a um questionamento, a um conflito, a um desejo, presentes em suspenso no inconsciente. Trata-se de uma expressão substitutiva destinada a fazer penetrar na consciência, sob forma camuflada, certos conteúdos que, devido à censura, não podem nela adentrar (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997).

O ramo da palmeira, na relação de substituição, exprime o fato percebido e vivido tal como aprova o acontecimento. Ele exerce uma função substitutiva, um modo de resposta, solução, advertência ou uma resposta a uma questão ligada a uma situação social. A abordagem de Sperber (1974, p.4) nos parece apropriada, quando ele afirma: “Os que buscam o sentido dos símbolos olham a fonte de luz e se queixam de ser cegos; ora, o que convém olhar não é a luz, mas aquilo que é por ela iluminado”.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

O ramo da palmeira é, portanto, uma realidade viva, portador de um poder real, em virtude da lei de participação. Ele se faz substitutivo à relação do eu com seu meio sócio-cultural, sua situação espaço-tempo.

O ramo da palmeira também exerce efetivamente uma função mediadora. Ele conecta matéria e espírito, natureza e cultura. Ele emana igualmente das fontes, coliga as gerações anteriores. Ajuda a partilhar o mesmo patrimônio cultural. O ramo é, assim, o espaço em que se mediatizam as relações do espírito e da natureza.

Oliveira (2006) pensa que as relações sociais entre o indivíduo e os outros homens encontram as suas origens nas funções psicológicas superiores. Os símbolos como elementos mediadores entre homem e o mundo estão carregados de significado cultural, exercendo uma comunicação entre os homens através dos significados compartilhados com finalidade de interpretar os objetos ou situações do mundo real.

O símbolo busca sempre identificar o mundo percebido e vivido. Exerce, em consequência, uma função pedagógica, proporciona um sentimento de identificação, de participação numa força supra individual. Dá a conhecer ao homem, em sua cultura, as realidades sobrenaturais, mostrando-lhe que ele não é um ser solitário, isolado e perdido no vasto conjunto dos símbolos que o cercam, mas, pelo contrário, um ser participante. Por seu discurso, o ramo nos ensina o nível de conhecimento. No entanto, ele assume valor simbólico se o homem aceita uma passagem imaginária, em realidade simples, complexa se analisada, passagem capaz de situar o símbolo no interior do homem, cada um deles participando da natureza e do dinamismo do outro, numa espécie de simbiose.

Meirieu (1998) ressalta que a aprendizagem procura estabelecer um processo que não passa simplesmente da ignorância ao saber em obstáculo nem conflito. Ele salienta que a aprendizagem ou construção de conhecimentos se realiza quando existe uma interação entre informações e um projeto. Ele insiste que a ideia da interação entre as informações e o projeto não encontra a sua origem na escola, nem nas situações de aprendizagem formalizadas.

Visto num olhar educativo e num contexto não formal, o símbolo ramo da palmeira nos parece uma arma eficaz para resgatar alguns valores que nestas comunidades são banidos e por vezes desprezados. Para Mandela, "A educação é a arma mais poderosa que tu podes usar para mudar o mundo".

O ramo da palmeira tem participação decisiva na formação a criança e do adulto nos valores culturais; não apenas como expressão espontânea e comunicação adaptada, mas, sobretudo, como meio de desenvolver a imaginação e o sentido invisível.

Por fim, temos a função socializante. Muitos pensadores mostraram, antes de tudo, seu papel de inserção na realidade. Através desta função, o símbolo se coloca em comunicação profunda com o meio social.

Fica bem clara esta realidade, pois graças a essa função socializante, o ramo comunica uma mensagem profunda com o meio social; ele se revela fator importante de inserção na realidade. Com efeito, a base de sua atualização é a sociedade. Digamo-lo: a sociedade é o seu quadro de referência e de comunicação profunda. Finalmente, o ramo não é simples comunicação de conhecimento; é também convergência da afetividade. É a esse título que Mbonyinkebe (1994, p.113), falando a respeito do símbolo que se encontra emocionalmente carregados na economia cultural da etnia Yaka, afirma: "Tais símbolos são aptos a permitir transições suaves de um universo a outro, a socialização dos sentimentos individuais, o contato com a fonte última da vida e da saúde, a saber, o universo inevitável dos ancestrais". Neste sentido, é possível dizer que atuando por meio de imaginação, o símbolo estabelece uma relação entre conteúdos internos, tipicamente psíquicos, e as percepções do mundo exterior.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

O conceito aprendizagem pode ser definido como um fenômeno que estabelece relações entre certos estímulos e respostas correspondentes, proporcionando um aumento da adaptação do ser vivo no seu ambiente social (MEIRIEU, 1998).

A importância do ramo da palmeira levou a sociedade Woyo a garantir sua conservação e sua transmissão a gerações futuras. Mas o nível de conhecimento varia conforme os domínios de utilização desse símbolo e segundo a idade. Na sociedade Woyo, como em variadas sociedades ancestrais, pode-se distinguir dois tipos de especialistas da simbólica. De um lado “aqueles que, por sua inteligência e pelos conhecimentos recebidos na iniciação ou em outros rituais, acenderam a grande conhecimento do símbolo de sua cultura. Eles não se diferenciam nem por nascimento, nem por sua condição social, mas o nível do seu conhecimento lhes permite impor-se e inspirar respeito. Tornam-se assim, por situação de fato, intérpretes seguros em quem todos confiam”; por outro lado, “aqueles que por seu nascimento, seu meio e seu nível, se veem destinados a especializar-se na simbólica ou num aspecto desta e a dispor de informes aos quais os demais não tem acesso” (FAIK-NZUJI, 1992, p.53).

No que concerne à dimensão simbólica do ramo da palmeira na sociedade Woyo, assinalemos que seu conhecimento, sua aprendizagem e sua interpretação ocorrem de maneira progressiva na experiência quotidiana. Com efeito, desde sua tenra idade, a criança se dedica à aprendizagem e a utilização do símbolo ramo, entretanto esse processo ocorre sempre no interior de um discurso sócio-cultural. Assim, o ramo como um valor símbolo é um elemento formal de uma tradição transmitida por iniciação, de ritos e de instituições representativas.

3. Metodologia

Considera-se a presente pesquisa como um estudo de caso, pois trata-se de uma investigação aprofundada que visa ao conhecimento e à compreensão de uma determinada realidade e dos fenômenos sociais a ela inerentes. Portanto, constitui-se como uma pesquisa qualitativa que recorrerá, fundamentalmente, a fontes bibliográficas relacionadas direta e indiretamente ao tema a ser estudado. Devido à distância geográfica do *locus* da pesquisa – região entre República de Angola e República Democrática do Congo –, não faremos uso de instrumentos como entrevistas ou questionários. Entretanto, como o autor da presente pesquisa é de nacionalidade Angolana e possui estreitos laços com pessoas dessas duas regiões africanas, o *corpus* de análise será constituído de fotografias e provérbios locais referentes ao uso simbólico do ramo da palmeira em diferentes contextos (vida, morte, alegria, doença, saúde etc.).

O exercício de análise discursiva a que nos propusemos nesta pesquisa inspira-se nas teorizações de Michel Pêcheux (1997) sobre a Análise de Discurso como uma disciplina de entremeio, pois se constitui na confluência de três regiões do conhecimento: Materialismo Histórico, Linguística e Psicanálise. Entendemos que as enunciações (provérbios) são relevantes como suporte da análise, pois mobilizam a língua para dar conta de aspectos simbólicos do ramo da palmeira. Neste sentido, tantos os provérbios quanto as fotografias são materiais discursivos que podem remeter, via memória histórica-discursiva, ao que foi dito em outras historicidades, resgatando-se essa presença de outros dizeres – não-evidentes, não-transparentes, mas possíveis – como constituintes do que foi enunciado (TASCHETTO, 2002).

4. Considerações Finais

Ao final dessa reflexão, evidencia-se que o símbolo ramo da palmeira só encontra seu campo de ação numa estrutura histórica, sócio-cultural. O ramo da palmeira é multifuncional: ele é, antes de tudo, um elemento social, um elemento formador de tradição social, um elemento mediador e de formação de valores, conhecimento, saberes, um registro permanente de



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

reconhecimento possível entre membros de uma comunidade que partilham a mesma cultura.

Ao se referir à função simbólica, Ortigues (1962, p.190) explicita que “a função simbólica é inseparável do discurso, na medida em que ela implica sempre imperativos, regras sociais, interditos, promessas ou adesão”. Assim, a leitura e a interpretação do símbolo ramo da palmeira são feitas sempre ao interior de uma cultura em que ele é chamado a evoluir com os homens. De mesmo modo, sua aprendizagem encontra seu campo de concretização no interior de uma comunidade, pois é nela, com ela e por ela que o símbolo ramo da palmeira justifica a sua existência.

É neste contexto que o ramo da palmeira participa plenamente da educação informal, sendo os agentes educadores os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas da escola, os meios de comunicação de massa, a Igreja, etc. Trata-se de uma forma espontânea de aprendizagem do dia-a-dia estabelecida através das conversas, contatos, compreensões e interpretações da realidade sócio-cultural.

O ramo da palmeira como “instrumento-símbolo”, pode ser concebido como um agente educador na comunidade Woyo e poderíamos afirmar que esse símbolo “ensina a gente” (FREIRE, 2011). Ele tem como objetivo instruir, educar e mesmo modelar os comportamentos que os membros da comunidade devem adotar, nos diferentes momentos da vida.

Nesta reflexão, o ramo da palmeira visto como agente educador, nos permitiu estabelecer uma relação entre educação e cultura que são conceitos intimamente ligados no processo de formação do ser humano.

Neste sentido, autores como Vygotsky (1998), Oliveira (2006), Ekwa (2004), Freire (2011), Ortigues (1962) Faik-Nzuji (1992), baseados na estrutura sócio-histórico-cultural, constituem a nossa lanterna na compreensão do símbolo ramo da palmeira como elemento essencialmente sócio-cultural, destacando a mediação simbólica como processo de interação entre o homem e o instrumento ou símbolo.

Encerramos aqui nossa reflexão sublinhando que ela não passa de um amplo terreno de investigação. Não temos a pretensão de ter explorado suficientemente este tema. Pensamos, no entanto, ter respondido ao convite de Sócrates, “conhece-te a ti mesmo” e ter aberto novas pistas aos pesquisadores, pois, como acentua Ricouer, em seu adágio: o símbolo “faz pensar”.

Referências

- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dictionnaire des symboles et mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres**. Paris: Éditions Seghers, 1977.
- EKWA, M. **L'école trahie**. Kinshasa: Éditions Cadicec, 2004.
- FAIK-NZUJI, C. **Symboles graphiques en Afrique noire**. Paris: Éditions Karthala et Ciltade, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KABASELE, F. **Célébrer Jésus-Christ en Afrique**. Kinshasa, 1990.
- MEIRIEU, Philippe. **Aprender...sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- MBONYINKEBE, S. Rite et efficacité symbolique. **Questions de Méthode dans Revue Philosophique de Kinshasa**, v. 8, n. 14, p. 113-141, 1994.
- ORTIGUES, E. **Le discours et le symbole**. Paris: Éditions Montaigne, 1962.
- SPERBER, D. **Le symbolisme en général**. Paris: Collection Savoir, 1974.
- STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.



SEFIC2017
UNILASALLE

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

TASCHETTO, L. R. **Profissão policial**: efeitos de sentidos de ambivalência nos dizeres dos alunos-policiais (o que dizem, como dizem, por que dizem?). 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VIGOSTKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.